

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

Instituto Humanidades e Letras

TEMA:

O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES
ESTRANGEIROS NA CIDADE DE REDENÇÃO-CE

Kelly Maria da Silva Pereira

Redenção-2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Instituto de Humanidades e Letras

TEMA:

O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES
ESTRANGEIROS NA CIDADE DE REDENÇÃO-CE

Por: Kelly Maria da Silva Pereira

Orientadora: Vera Rodrigues

Redenção- 2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

P492f Pereira, Kelly Maria da Silva.

O processo de adaptação sociocultural de estudantes estrangeiros na cidade de Redenção – CE. / Kelly Maria da Silva Pereira. Redenção, 2015.

54 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Vera Rodrigues.
Inclui Referências.

1. Programas de intercâmbio de estudantes. 2. Estudantes estrangeiros . I. Título II. Kelly Maria da Silva Pereira.

CDD 370.1962

KELLY MARIA DA SILVA PEREIRA

O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES
ESTRANGEIROS NA CIDADE DE REDENÇÃO-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. : **Vera Rodrigues**

Aprovado em ____/____/____,

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. **Vera Rodrigues** (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. Susana Abrantes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Preto, Branco, Amarelo, Pardo, Indígena, Africano, Brasileiro

A essência do Brasil é a mistura de todas as raças e cores.

Quem sou eu?

Eu sou todas as raças e todas as cores.

A cor, é a mistura dos nossos antepassados

A raça, é a identidade que se cria a partir do momento que se nasce, e isso mostra a
figura brasileira.

Brasil é tudo, sou eu, é você, é o negro africano, o índio, é tudo.

Eu sou brasileira, tenho orgulho da minha história. Tenho irmãos de todas as cores e de
todas as raças.

Eu sou a mistura.

E quem é você?

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, a minha primeira sobrinha Anna Ester, e a minha irmã gêmea Kellyane da Silva, com toda dedicação á vocês.

AGRADECIMENTOS

Terminei meu Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, com muito esforço, com máxima dedicação e com um dever cumprido. Foi difícil sim, mas graças a ajuda de muitas pessoas, pelo apoio moral e intelectual tive forças e conseguir concluir o que tanto almejava.

- Agradeço primeiramente a Deus por esse sonho realizado;
- A minha família por ter me apoiado bastante nesse momento de tanta importância em minha vida;
- A minha querida orientadora, amiga, conselheira prof. Dr. Vera Rodrigues que me deu apoio, me ajudou muito nessa caminhada de conclusão, pela confiança que teve em mim e toda a atenção que me foi prestada, muito obrigado professora.
- Agradeço também aos 12 estudantes estrangeiros entrevistados no decorrer de minha pesquisa, obrigado por terem disponibilizado o seu precioso tempo, pois sem vocês esse trabalho não seria realizado.
- Agradeço, em especial, a uma grande pessoa que se tornou de uma hora pra outra uma amiga, que sempre me ajudou e sempre me ajudará em tudo, Luzyane Silva, obrigado por tudo.
- Agradeço as pessoas que hoje posso dizer que são e sempre serão importantes em minha vida, Maria Roziléia, Sabrina Fernandes e Marco de Almeida e Willame Lima, pelo apoio, pela atenção, incentivo e pela preocupação.
- Aos amigos brasileiros, Ana Clara, Júnior Mesquita, Samara Araújo, Sandra Almeida e Milena Andrade, pelo apoio que me foi prestado, obrigado;
- Aos meus amigos estrangeiros, Tamilton Teixeira e Jorge Cambinda por também terem feito parte desse capítulo de minha história, pela troca de experiências, e dizer o quão foi magnífico conhecer um pouco de vocês, obrigado por tudo.

Agradeço também aqueles que não foram citados e que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. Minha gratidão é imensa.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso o qual se intitula “O Processo de Adaptação Sociocultural de Estudantes Estrangeiros na Cidade de Redenção- CE” tem como objetivo mostrar um pouco da vivência dos estudantes estrangeiros na cidade, tendo com foco principal a sua adaptação perante a sociedade, ou seja, como eles iniciaram a sua integração a cidade, como foi conhecer uma nova cultura, um novo modo de se conviver com pessoas diferentes. O trabalho mostrará também um pouco do que eles acham da cidade, como foi fazer amizades com os brasileiros e como está sendo a sua adaptação de um modo geral, os desafios enfrentados e as facilidades encontradas no decorrer da estadia na cidade, etc.. E para que isso pudesse ser efetivamente demonstrado, tive a oportunidade de entrevistar 12 estudantes, no qual os mesmos eram respectivamente uma dupla de estudantes estrangeiros de cada país, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. As entrevistas foram realizadas individualmente, e na maioria das vezes teve duração de 20 a 30 minutos. O início das entrevistas aconteceu de Setembro e foi ao término em Novembro, foi pouco tempo para a realização das mesmas, mas mesmo assim, tive bons resultados. Bem, e antes de começar a ir a campo, tive a oportunidade de ler um dos livros de Stuart Hall, o autor foi referência importantíssima para o meu trabalho, “A Identidade na Pós-Modernidade”, no qual o mesmo falava da questão da identidade que tem relação com as diferentes personalidades dos estudantes entrevistados, ele mostra que a identidade, seja de quem for, precisa ser simplesmente aceita, ou seja, ele diz em seu livro, que a nossa identidade tem que ser móvel, ser mudada de acordo com o lugar que se habita, sem precisar esquecer as origens. Se adaptar de acordo com a sociedade.

Palavras chaves: identidade, estrangeiros, adaptação, Stuart Hall.

ABSTRACT

The Completion Work of Course which is entitled "The Socio-Cultural Adaptation Process of Foreign Students in Redemption City", aims to show a little of the experience of foreign students in the city of Redemption, and had as focus primary their adaptation before society, that is, as they began their integration the city, as it was to know a new culture, a new way of living and living with different people. The work will also show some of what they think of the city, as it has been make friends with the Brazilians and as is being its adaptation in general, the challenges faced and the facilities found during the stay in the city, etc.. And for this to be effectively demonstrated, I had the opportunity to interview 12 students, among them were, respectively, two of every country, Angola, Cape Verde, Mozambique, Guinea-Bissau, Sao Tome and Principe and East Timor. The interviews were conducted individually, and most often lasted 20-30 minutes. The beginning of the interviews took place in September and it was ended in November, was little time for meeting them, but still I had good results. Well, before start going to the field, I had the opportunity to read some of Stuart Hall's books, it was a important reference for my work, *The Identity in Post-Modernity*, in which it spoke of the issue of identity that has relationship with the different personalities of the students interviewed, it shows that the identity, whatever the source, must simply be accepted, that is, he says in his book, that our identity has to be mobile, you have to change according to the place that inhabits, but we must never forget the origins. Adapt according to the society.

Key words: identity, foreign, adaptation, Stuart Hall.

Sumário

RESUMO -----	p.07
INTRODUÇÃO -----	p.10
CAPÍTULO I- A IDENTIDADE VISTA POR OUTROS OLHOS -----	p.13
1.1- Quem sou eu estudante estrangeiro?-----	p.16
1.2- Dialogando sobre Identidade- Identidade, quem somos?-----	p.19
CAPÍTULO II- A UNIVERSIDADE E A CIDADE -----	p.24
2.1- A Chegada: O que vou encontrar?-----	p.30
2.2 O processo de adaptação: Como viver em um país diferente?-----	p.36
CAPÍTULO III- EXPECTATIVAS PARA O FUTURO -----	p.44
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	p.50
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	p.52
ANEXO -----	p.54

INTRODUÇÃO

“A base do nosso trabalho consiste em investigar e compreender como esses estudantes experimentam a vivência de sair de seus países; o porquê desta iniciativa; o que acontece quando chegam ao Brasil; o que vêm a se tornar quando chegam aqui; como constroem suas próprias identidades e auto-imagem; como se relacionam nesse novo contexto; e depois, como voltam, o que os faz voltar, quem volta e de que maneira voltam.”(SUBUHANA,2005,p. 06)

É uma decisão muito difícil você escolher estudar fora do seu país de origem, é uma oportunidade que poucos têm, mas, sinceramente, tomar uma decisão dessas é simplesmente bem complicada, porque você irá deixar a sua família, seu país, seus amigos, mas claro que com a decisão tomada você irá construir um bom futuro para assim voltar para o seu país, ajudar a família e no desenvolvimento do mesmo. Essa decisão foi tomada por vários estudantes estrangeiros, quando decidiram virem para o Brasil estudar e conseguir um diploma universitário. Atravessaram o atlântico, chegaram ao Brasil, e vieram enfim morar em uma cidadezinha no interior do Ceará, chamada Redenção, que é conhecida como a primeira a libertar os escravizados, poucos dos estudantes estrangeiros não a conheciam e quando souberam que iriam passar a morar nela, começaram a pesquisar, e quando chegaram aqui, tiveram uma surpresa? uma decepção?, acho que os dois. Mas, perante isso, eles estão a viver bem cautelosamente na cidade, claro que enfrentando alguns problemas, mas estão bem adaptados a tudo o que está a acontecer.

E por meio desses novos habitantes que chegaram e continuam a chegar em Redenção, surgiu à ideia de realizar esse trabalho, tendo-o como um interesse pessoal, ou seja, sempre se tem aquela curiosidade de conhecer além, sobre determinada(s) pessoa(s), e esse foi o motivo, eu via os estudantes estrangeiros na cidade, na universidade e sempre quis conhecer além do que já sabia sobre eles, o país de cada um, a cultura, as línguas, o que eles estão achando do novo lugar que passaram a morar, claro que o conhecimento que tinha em relação a eles era pouco, foram algumas dessas interrogações que me lavaram a dar início a essa pesquisa. Ao longo de toda a minha

pesquisa pude conhecer muitas histórias, histórias essas que ficarão como aprendizado para mim. Meu trabalho tem como objetivo mostrar as dificuldades e as facilidades da adaptação dos estudantes estrangeiros na cidade de Redenção. Porém, também tem o intuito de revelar um pouco da opinião deles sobre determinados assuntos.

Tive a oportunidade de conhecer 12 estudantes estrangeiros, pois os mesmos foram essenciais para a minha pesquisa, meu método utilizado foi a entrevista, no qual 12 estudantes participaram da mesma. Entender cada um deles no ato da entrevista é um desafio, por que eles são diferentes de mim, e as perguntas feitas (anexo 1), eram bem interessantes e importantes para que eu pudesse conhecê-los em determinados assuntos. E foi a partir daí que fui conhecendo-os, sobre a sua vida familiar, acadêmica, a vivência universitária e também social, se foi fácil à relação com os brasileiros, os problemas que enfrentaram quando chegaram, o que sentiram quando não viram aquilo que esperavam, essas foram algumas observações feitas por mim no decorrer de minha pesquisa.

Além disso, um fator bem importante para a conclusão do meu trabalho, foi sobre a questão da identidade, o que seria identidade para eles?, eles definiram, cada um com sua definição, mas o que se pode concluir é que, independente de onde eles estejam, jamais irão esquecer as suas origens, quem são, e por certo se adaptaram ao lugar onde estão a morar. Mas quem eles realmente são?, eles vão apenas continuar a escrever sua história, porém, fora do seu país, sem nenhuma intenção de mudar sua identidade, apenas se relacionar e se integrar de uma forma que apenas ajude na construção da mesma, mostrando para os habitantes da cidade de Redenção mais um pouco da história de seu país e jamais negando de onde vieram, a identidade é o seu próprio eu.

Meu Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em três capítulos, cada um falando sobre a experiência do estudante estrangeiro em alguns aspectos. No capítulo I, intitulado: *Identidade Vista Por Outro Olhar*; apresento de uma forma sucinta o que alguns autores, como Dulce Mungoi e Stuart Hall falam sobre identidade, abordando conceitos e a minha opinião sobre o que é identidade e também uma abordagem em relação a eles. Contudo, demonstrando também a minha relação com os 12 estudantes entrevistados, como eles estavam na realização da entrevista, se

responderam de forma tranquila, o que eu achei da experiência de ter a oportunidade de entrevista-los. Além disso, é observado também uma das questões descrita na entrevista sobre identidade, os estudantes entrevistados definiam o que seria identidade para eles, e com a conclusão de tudo, eu as analisaria e fazia as minhas conclusões perante as respostas. Concluir esse capítulo foi bem promissor, pois, considerando diversas definições sobre a mesma, eu concluo que identidade não se tem definição, apenas você pode defini-la, identidade é o que cada um propõe. O segundo capítulo, *A Universidade e a Cidade*, é construído a partir de algumas observações, ou seja, o que os estudantes entrevistados acham de Redenção, o que encontraram quando chegaram, como foi a adaptação dos mesmos, isso e outras coisas que nos levam a conclusão da total adaptação dos estrangeiros na cidade, e também a construção de ideias sobre a cidade de Redenção, um pouco da história, da minha vivência, do que eu pensava e do que agora estou a pensar sobre a cidade, é um capítulo bem interessante, por que a partir dele você vai conhecer um pouco das dificuldades e facilidades passadas pelos estudantes quando chegaram. Em suma, o capítulo III, *Expectativas para o futuro*, o que seria o futuro para os estudantes estrangeiros quando terminarem o ensino superior? Voltar para casa? Construir família?, essas perguntas serão respondidas no decorrer do capítulo, e assim você vai descobrindo as expectativas que os estudantes fizeram para o futuro. E por fim, algumas considerações finais em relação toda a reflexão feita ao longo dos capítulos.

CAPÍTULO I: IDENTIDADE VISTA POR OUTRO OLHAR

É difícil você entender o que se passa na cabeça de cada ser humano, como eles agem em determinadas situações, como é a vida pessoal e profissional. Você pensa de uma forma e acaba sendo completamente diferente do que você imaginou. Nós, seres racionais precisamos primeiramente conhecer o nosso próximo para depois pensar em opinar de como seria a vida deles. E de acordo com o que foi mencionado me surge uma questão bem interessante, a questão da identidade, que é muito discutida por ser muito importante e por ser difícil de construir um significado próprio para a mesma, por que primeiramente, cada um tem uma opinião do que realmente seria identidade, no qual esse conceito está longe de ser formulado. De acordo com Stuart Hall no seu Livro “A identidade na Pós-Modernidade”, pude entender que a questão da identidade é bem importante para a teoria social, que as mesmas estão sendo desenvolvidas com a evolução da humanidade e também sendo reconstruídas de acordo com os preceitos de cada ser humano, ou seja, a partir deles se desenvolve uma nova ou apenas reconstrói a que já se tem.

O meu principal foco é demonstrar para as pessoas que independente de como nós sejamos, cada um possui sua identidade, além disso, ela nos mostra como agimos, como falamos, como nos comportamos, como nos adaptamos a lugares diferentes, como é ser diferente de todos. Por tanto, venho mostrar um pouco da realidade dos estudantes estrangeiros na cidade de Redenção. E tendo como principal objetivo a ser discutido, a identidade em questão, mostrando, como os mesmos estão mudando-as de acordo com os costumes encontrados na cidade e também com a convivência com os brasileiros, ou melhor, como são as diferentes personalidades, hábitos e valores, e por meio disso poderão se integrarem e formarem sua própria identidade. E com base nisso menciono o sujeito pós-moderno descrito por Stuart Hall, em que ele corresponde à significação da minha identidade em questão. O autor diz: “o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.” (HALL, 2011, p.13), enfim, a identidade se torna móvel de acordo com as formas que somos representados nos sistemas que nos rodeiam, ela é mostrada e definida historicamente. O sujeito possui identidades diferentes em diferentes momentos, no entanto, percebemos que quanto mais a cultura se multiplica, nos adaptamos a diferentes lugares para podermos

ser bem integrados socialmente. Precisamente, temos uma identidade em questão e no centro dessa, existem várias outras que se multiplicam de acordo com o desenvolvimento da sociedade. Por meio disso, destaco que os estudantes estrangeiros possuem uma identidade móvel, em que sistemas culturais os influenciam, tornando-a inconstante.

Identidade, o que seria? Uma pergunta simples, mas muito complexa por possuir muitos significados. Para mim, identidade é formada de acordo com os costumes de cada um, pressupondo que a família é o principal espelho que temos para construirmos a nossa, mas, é preciso tê-la, e mostrar para a sociedade que você possui uma história, um futuro, uma cultura, uma vida, e que com certeza terá uma opção de mudar a forma como vive, podendo assim se adaptar a novas culturas que serão sempre criadas na sociedade. Os estudantes estrangeiros que moram na cidade de Redenção, possuem sim sua identidade, e também estão atualizando as mesmas para se adaptarem as novas encontradas na cidade. É difícil sim, você se deparar com coisas completamente diferentes das que você costumava conviver, isso é normal, e somos sempre aptos a nos adaptarmos socioculturalmente nessas novas cidades, porém, somos sim capazes de construir uma nova identidade mesmo não conhecendo muito o lugar em que passamos a viver. Para Hall, a nova criação da identidade vem por meio da “globalização”, que o mesmo utiliza a definição de Anthony McGrew para fundamentar seu pensamento;

“a ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.” (HALL, 2011, p. 67)

De acordo com essa citação podemos entender que as criações das novas mudanças identitárias vem acontecendo por mérito da globalização, porém, podemos argumentar que essas mudanças ocorrem pelo e para o bem da sociedade, e também para entendermos um pouco cada indivíduo que tem sua estrutura interior mudada ou em processo de adaptação sociocultural.

De acordo com minha análise, o autor defende a identidade em questão, se posicionando de um modo que podemos interpretar como uma forma de mostrar que as mesmas são importantes para a sociedade, no qual ele enfatiza que elas transformam os indivíduos, os fazem melhores e os tornam únicos.

Mas também, no meio de uma sociedade cheia de culturas, hábitos, vidas diferentes, cada um possui um modo de agir, e veremos que Mungoi, em sua dissertação de mestrado “‘O Mito Atlântico’: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre, no sul do país, no jogo de construção e reconstrução de suas identidades étnicas”, nos mostra o processo de construção e reconstrução da identidade dos estudantes estrangeiros quando eles passam a conviver com outras culturas e em outra realidade. Porém, tenho como principal objetivo demonstrar como eles estão se adaptando no novo contexto social brasileiro, como estão se adaptando socioculturalmente nessa nova vida, que a partir do momento que eles colocarem os pés no nordeste brasileiro eles vão passar a ter.

“Considerando que a identidade é uma construção social e dinâmica e que atores sociais utilizam diferentes formas para a construção e reconstrução de suas identidades sociais e étnicas, [...] os estudantes africanos passam por experiências singulares onde as suas múltiplas identidades (individuais e coletivas) são ressignificadas permanentemente em função de diferentes mundos e esferas sócias que se interpenetram.” (MUNGOI, 2006, p. 15-16)

Portanto, podemos entender que cada um dos estudantes estrangeiros que decidiram ter um bom ensino superior para garantir um bom diploma universitário no Brasil, possui uma identidade, mesmo que ela seja submetida a passar por muitas mudanças, precisando se adaptar a um novo conceito da mesma e a uma nova estrutura de vida, ou seja, eles vão ter que se adaptar socioculturalmente a um lugar que pouco conhecem, porém, eles terão uma chance de reconstruírem suas identidades com os novos costumes, culturas e hábitos presentes na sua nova estrutura de vida. Mungoi cita Hall em sua dissertação em que ele diz,

“neste contexto, os estudantes africanos são marcados por identidades híbridas, identidades complexas que vão desde a sua origem étnica, suas condições socioeconômicas e assimilação de novos valores culturais” (MUNGOI, 2006, p. 107)

Vale dizer que a identidade desses estudantes são questionáveis a partir do contato com outras culturas, afetando-a de uma forma interior. Então, de uma forma bem dinâmica as mesmas são construídas, e que embora eles tenham que se adaptarem a uma nova vida, seus valores, suas culturas de origem sempre se fazem presentes, e demarcam lugares por onde eles costumam ir.

1.1- Quem sou eu, estudante estrangeiro?

Quem sou eu? Sou um estrangeiro em um lugar diferente de onde vim, vivo com pessoas diferentes, e aos poucos estou me adaptando a culturas, modos de viver e a sociedade em geral. E por meio disso, apresento meus entrevistados. Primeiramente, relato que essa experiência foi uma sensação maravilhosa, pude conhecer um pouquinho de cada um, de cada personalidade, que com certeza todas eram divergentes. Tive a oportunidade de conhecer doze estudantes estrangeiros, uma dupla de cada país, que tem como língua oficial o português, que são eles, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, que cursam diferentes cursos na UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Letras-Língua Portuguesa, Bacharelado em Humanidades, Administração Pública e Engenharia de Energias.

Falar deles é difícil, mas ter a chance de escrever um pouco sobre cada um, cada momento, cada experiência é gratificante. Não citarei seus nomes, no ato da entrevista todos me permitiram, com exceção de um, mas, por questões de privacidade e por eu ter achado melhor, não citarei nenhum dos mesmos. O primeiro estrangeiro a ser entrevistado foi do sexo masculino de São Tomé e Príncipe, não o conhecia, tive o primeiro contato com ele, e por meio virtual lhe enviei um convite via inbox para que o mesmo me ajudasse, me permitindo que lhe entrevistasse, ele aceitou o convite e pude

conhecê-lo pessoalmente. No momento da entrevista ele foi super simpático, respondeu todas as perguntas com clareza, chegou um pouco atrasado, mas isso faz parte, fora isso, tudo ocorreu bem. O segundo, foi do sexo feminino de São Tomé e Príncipe, também não a conhecia, tive contato com a mesma graças a ajuda de minha irmã, pois elas estudavam juntas. Conversei com ela antes da entrevista sobre o tema proposto, ela aceitou o convite, e tive um grande prazer de entrevistá-la. No momento da entrevista, por uma questão tecnológica, a entrevista não estava sendo gravada, fiquei tensa, pois isso nunca tinha acontecido, mas com muita bondade e paciência a minha entrevistada aceitou que tudo fosse gravado novamente, sua entrevista ficou incrível, apesar de pouco contato ela estava super à vontade, e ocorreu tudo bem apesar dos problemas técnicos.

Em seguida, entrevistei o estudante estrangeiro do sexo masculino de Angola, já o conhecia, e o contato com ele foi mais fácil. Entrevistá-lo foi uma ótima experiência, pois tive a oportunidade de conhecê-lo mais um pouco. O entrevistado ficou bem a vontade no momento de entrevistar, respondeu todas as perguntas com clareza, estava tranquilo. E no mesmo dia, entrevistei um estudante estrangeiro do sexo masculino de Guiné-Bissau, também já o conhecia, e foi muito mais fácil ter contato, a entrevista foi super tranquila, ele estava super à vontade, foi bem claro em suas respostas. Bem, entrevistá-los foi ótimo, uma grande experiência, pude conhecê-los melhor, podendo assim concretizar mais a amizade que surgiu desde quando estudávamos juntos em algumas disciplinas.

Depois, pude conhecer um pouco mais da história de uma estudante estrangeira do sexo feminino de Guiné-Bissau, pois, já há conhecia um pouco. O contato foi via inbox, ou seja, fiz o convite via mensagem pelo facebook, pois, tinha dificuldade de vê-la na universidade, nossos horários não eram os mesmos. Na primeira oportunidade de entrevistá-la a mesma não compareceu, pois estava enferma, com um problema de saúde, passei uma hora esperando, e como ela estava demorando demais fui embora, e no dia seguinte ela entrou em contato comigo e marcamos outro momento, e que por via das dúvidas, ficou tranquila ao responder as perguntas, foi bem sincera, e assim, pude ter um pouco mais de conhecimento sobre seus planos para o futuro e assim poder conhecer a sua história de vida. Em seguida, foi o estudante estrangeiro do sexo

masculino de Cabo Verde, já o conhecia, e o contato foi direto, pessoalmente, ele simplesmente respondeu todas as perguntas com muita tranquilidade, muita calma, foi interessante entrevistá-lo, porque o conhecia pouco, e assim pude entender mais seus pensamentos, e suas opiniões em diferentes assuntos.

A próxima entrevistada foi uma estudante estrangeira do sexo feminino de Cabo Verde, não a conhecia, mas, em um determinado trimestre, estudamos em uma mesma turma, e assim pude ter o contato direto, lhe convidando para participar da minha entrevista. Na oportunidade marcada, ela não compareceu por motivos pessoais, e depois entrei em contato com ela via inbox, por mensagem no facebook, lhe mandando outro convite, de que se fosse possível ela responderia as questões por e-mail, ela aceitou, enviei a entrevista, ela respondeu com compromisso, foi bem direta nas respostas. A próxima entrevistada, também é do sexo feminino, de Angola, a conheci por indicação de um amigo, que também foi um dos entrevistados, ele conversou com ela, e depois me passou seu telefone para que eu pudesse conversar com a mesma e entrar em contato por telefone, podendo assim marcar o dia da entrevista. Ela foi bem gentil, firmou compromisso. No momento da entrevista, ela estava bem segura em suas palavras, respondendo todas as questões com muita atenção, êxito, entusiasmo, ela simplesmente se entregou as perguntas respondendo-as profundamente e com muito entusiasmo. Foi muito simpática, apesar de nunca termos nos falado pessoalmente, aquela entrevista, ou melhor, aquela conversa foi como se antes já tivéssemos conversado.

Em seguida, vamos dizer que o próximo, eu não o conhecia, foi indicação da entrevistada anterior, ele é calouro, tinha chegado há pouco tempo, um estudante estrangeiro do sexo masculino de Moçambique que proporcionou um pouco de seu tempo em uma tarde para que eu pudesse lhe entrevistar e assim poder conhecê-lo um pouco, e sermos amigos, e isso aconteceu, ainda hoje tenho contato com ele, estava super tranquilo na entrevista, um pouco, meio que em dúvidas em algumas perguntas, pois era calouro e pouco conhecia a cidade e a universidade de uma forma geral, mas mesmo com as dúvidas, respondeu com firmeza todas as perguntas, explorando o melhor de sua opinião. A próxima entrevistada também foi indicação, ela é uma estudante estrangeira do sexo feminino de Moçambique, tive também a oportunidade de

conhecê-la, fazer uma nova amizade, conhecer um pouco de sua história, ela estava bem tranquila, foi bem coerente em suas respostas, espontânea e firme.

Os próximos foram um casal de Timor Leste, também foi uma indicação de um amigo, primeiro perguntei se ele conhecia algum casal de Timor, ele disse que sim, conversou com eles, e depois me passou o contato telefônico para que eu entrasse em contato com os mesmos. Conversamos, marcamos o dia da entrevista que por sorte foi no mesmo dia, pude conhecer um pouco mais sobre eles, pois não tínhamos contato, eles foram super gentis por terem cedido um tempinho para participar de minha pesquisa, estavam bem à vontade, foram bem sucintos em suas respostas e ficaram tranquilos. E tudo ocorreu bem.

Para concluir, falar dos meus entrevistados é muito importante, por que cada um deles deixou uma marquinha para que eu lembrasse sempre deles, dos 12 estudantes estrangeiros que me permitiram conhecer um pouco de cada um, de sua vida, de sua história e de suas culturas, me proporcionando a oportunidade de transcrever em palavras o quão gratificante foi entrevistar todos. As entrevistas foram um sucesso, todos foram bem pontuais, coerentes nas respostas, tranquilos, e apesar dos que não me conheciam e fomos ter o primeiro contato na realização da mesma, eles ficaram bem à vontade para que assim a entrevista ocorresse bem.

1.2- Dialogando sobre identidade: Identidade, quem somos?

Na verdade, o que seria identidade? Questão essa muito complexa, em que muito tem a ser discutido. Falar de identidade é difícil, no qual, pode-se dizer, que o Brasil é um país de diversas identidades, culturas e povos.

Pra você, o que seria identidade?

Identidade, eu acho... identidade é... acho que alguém com... que... eu acho que é alguém que sabe de onde vem, conhece as suas origens e sabe o que quer da vida, acho que é... tipo, ter orgulho donde é que vem, é das minhas origens. (estudante do sexo feminino de Moçambique)

Pra mim identidade é o teu ser pessoal, né, aquilo que gostas tudo de fazer, é mostrares respeito pela tua cultura, pelo teu presente, pelo teu passado, admitir que tu és o que és, fruto da educação que algumas pessoas que te deram, fruto de vivências tuas, fruto de aprendizado com amigos, (...) por exemplo, não só amigos né, pessoas que tu verás a cometer erros, então criarás algo teu, que é pra ti. Então, identidade é o teu ser próprio, aquilo que tu vâis construindo e as pessoas te vê a partir daquilo que tu tiveres construindo. Pra mim é isso. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Moçambique)

Podemos perceber que o casal de Moçambique possui visões diferentes do que seja identidade, em que os mesmos possuem pontos de vista diferentes em relação ao que foi perguntado, e entra em foco, as origens, o futuro, como você é visto no olhar de outras pessoas, ter orgulho do que você é. Essas coisas são fundamentais para uma boa interpretação do ponto de vista dos entrevistados, do que seja identidade. E mesmo cada um tendo seu ponto de vista, eles passam a respeitar a cultura do próximo, para que bem devagar eles se conectem totalmente com a nova cultura que lhe é proporcionada.

A identidade. Pra mim, a identidade é um reconhecimento que você é, é um sentimento que você pode, (...) é um reconhecimento, ou seja, assim, é uma coisa primordial que você pode, não pode negar suas identidades, a forma que surgiu a sua identidade, dos bisavôs, avôs, pais até você. Eu acho que é um sentimento que emocional, eu acho que posso dizer assim para mim é identidade. (estudante estrangeira do sexo feminino de Guiné-Bissau)

Pra mim identidade, (...) é a forma de eu estar na sociedade, culturalmente, tradicionalmente, ideologicamente, (...) a personalidade também, hábitos, modos, costumes de ser vão formando a minha identidade de ser, só que eu posso ter uma identidade, dentro, várias outras identidades (...) por isso que nós não podemos nunca pensar em identidade mas sim em identidades. (...) pra mim, identidade é aquilo que eu me identifico,

quando chego deixo uma marca, uma coisa. (...) Pra mim identidade é a forma como você se identifica, em diversificados momentos. Só que agora vai ter um problema, identidade as vezes é mutável, as vezes muda, a pessoa nunca as vezes mantém uma identidade única, as vezes você é assim, depois você muda do outro jeito, vários tipos de identidades. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Guiné-Bissau)

Podemos perceber que também ambos são divergentes, para a estudante, identidade é questão de sentimento, ter orgulho de ser quem você é, valorizar a cultura, os costumes dos seus antepassados. Já o estudante, diz que identidade é mutável, que pode ser mudada de acordo com o espaço de convivência, e desse ponto surge à questão do sujeito pós-moderno que Hall cita em seu livro “Globalização na Pós-Modernidade”, e isso nos mostra que o estudante defende o mesmo tipo de identidade mencionada por Hall, que para ambos as identidades mudam, que jamais, nunca uma pessoa mantém a mesma por muito tempo, pois existem vários momentos na vida, e a identidade é formada de acordo com o ambiente e a sociedade onde se vive. Concluindo, os estudantes por sua vez, tem, e defendem seus conceitos, cada qual com sua opinião, porém, ambas as partes são respeitadas.

Identidade sou eu mesmo, é o que me identifica, é o meu digital, sou eu mesmo. (estudante estrangeira do sexo feminino de São Tomé e Príncipe)

(...) identidade vem de identificação, é, tipo, forma de você se identificar ou identificar alguém, algo próprio, uma coisa. (...) acho que é identificação. (estudante do sexo masculino de São Tomé e Príncipe)

Os estudantes foram idênticos em suas respostas, defendem a mesma teoria de identidade, para eles, significa identificação, o seu eu, se auto identificar. E isso nos mostra a questão de que mesmo sendo do próprio país eles possuem a mesma opinião sobre um determinado assunto, e isso é bom, pois nos mostra quanta sintonia seu país

possui em questão de cultura, identificação, mas mesmo assim pode haver em outros pontos, respostas divergentes.

Pra mim, identidade é importante para uns e outros, por que a gente se conhece, temos que conhecermos primeiro a identidade das pessoas antes de você conversar. (estudante estrangeira do sexo feminino de Timor Leste)

Identidade é um costume de uma pessoa, identifica você, (...) você leva pra qualquer lugar. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Timor Leste)

Conhecer o próximo é importante, ou seja, os estudantes de Timor Leste defendem o conceito de que precisa conhecer a identidade do outro para assim passar a conviver, porém, eles acreditam que podem levar as suas identidades para qualquer lugar que seja, e eles estão certos, por que, mesmo você saindo de seu país de origem, você precisa idealizar a sua cultura, mostrar para o diferente de o quão ela é importante para você, e assim com a aceitação da sua cultura em um lugar diferente, você poderá se identificar aos poucos com a outra e assim conhecê-la e fazer parte dela, mas, nunca esquecer as origens.

Identidade. Eu costumo definir identidade como sendo aquilo que nos identifica, traços, acho que aquilo que nos identifica, primeira vista ou a segunda vista, um olhar externo das outras pessoas, olhar externo de uma segunda pessoa. Identidade, acho que em suma é aquilo que nos identifica. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Angola)

Acho que identidade tem haver com caráter, cultura, é, forma de ser, aspectos normativos.(estudante estrangeira do sexo feminino de Angola)

Eles, por sua vez, defendem opiniões diferentes, um diz que identidade é cultura, e o outro supõe que identidade significa algo que nos identifica e também a opinião do

próximo é importante. Podemos então tirar disso, que cada um tem seu conceito formulado, e cabe a cada um de nós respeitarmos. Mas, pode-se dizer que identidade está ligada sim a cultura, o olhar do outro, o modo de vida de cada ser humano, então, as respostas deles podem até estarem divergentes, mas com certeza estão interligadas, uma completa a outra.

Identidade para mim é aquilo que me define como pessoa. (estudante estrangeira do sexo feminino de Cabo Verde)

(...) identidade somos nós, é um conjunto de qualquer coisa que é nomeado pelo outro, caracterizado pelos outros culturalmente ou economicamente. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Cabo Verde)

Bem, os dois praticamente falaram a mesma coisa, identidade pra eles é o nós, é o seu próprio eu, é a sua historia de vida e o próximo.

Comparando todos os entrevistados, podemos perceber que alguns possuem opiniões diferentes, e os outros iguais. Mas, o que se compreende, é que eles independentemente do seu país de origem, eles continuam com suas identidades dentro de si, eles se adaptam ao lugar onde moram, se adaptam aos novos costumes, a novas culturas e assim constroem uma nova identidade, porém, apesar de passarem a possuir uma nova sempre vão guardar a de suas origens, ou melhor, nunca irão se esquecer, irão apenas se adaptar ao diferente, podendo assim ter uma convivência harmoniosa com o próximo.

CAPITULO II: A UNIVERSIDADE E A CIDADE

Falar da cidade de Redenção é bem empolgante, ser redencionista, pode-se dizer que é bem interessante, claro que todas as cidades tem seus defeitos e qualidades estruturais, e Redenção não poderia sair dessa.

Início, em um pequeno texto, colocando meu pensamento em linhas, as tais observações sobre a cidade que pertença. Primeiramente, posso dizer que Redenção não é uma das piores cidades de se morar, ela possui suas qualificações. Ser redencionista é, posso dizer que uma característica?, ou melhor, não tive escolha de ter nascido nessa cidade. Mas, mesmo eu sendo uma pessoa apta para opinar em questões que precisam de minhas afirmações, digo que é bom ter uma vida aqui, é bom morar em Redenção, me orgulho de hoje eu fazer parte dessa sociedade que possui muitas e muitas culturas. Orgulho-me por saber que a mesma foi a primeira cidade a libertar os escravizados, por hoje eu acordar todos os dias e saber que a cada dia ela vai evoluindo, devagarinho, mas aos poucos se vê a mudança estrutural.

Além disso, Redenção é conhecida como a primeira cidade a libertar os escravizados no Ceará, possui suas belezas naturais, mas pouco valorizada pelos moradores. Ainda hoje existem objetos, lugares que representam a história dos escravizados há vários anos atrás, e isso a população, muitas das vezes valorizam, para assim chamarem a atenção dos turistas para a cidade. Os visitantes, quando chegam à cidade, optam primeiramente para o Museu Senzala Negro Liberto, onde lá se encontra um pouco da história dos nossos antepassados, que é muito importante tanto para os redencionista, e também para os visitantes, para assim conhecerem um pouco da história de Redenção, e do quão gratificante é morar em uma cidade com uma importante história que muitos procuram saber.

Então, o sonho de uma universidade federal em uma cidade no Maciço de Baturité, no interior do estado do Ceará, tendo como principal objetivo a integração social, cultural e econômica dos países que tem como a língua oficial o português foi sendo construída aos poucos, nascendo assim o projeto para a construção da

universidade, além da mesma ser uma instituição de educação superior, ela possui uma meta, construir vínculos com todo o Maciço de Baturité e também com os países, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, que tem como língua oficial o português, ou seja,

“A universidade busca construir uma ponte histórica e cultural entre o Brasil e os países de língua portuguesa, especialmente os da África, compartilhando soluções inovadoras para processos históricos similares.”(UNILAB, 2013, p.07)

Foram muitas as etapas para que a conclusão da mesma fosse totalmente aprovada.

“[...] teve o ponto de partida em julho de 2008, quando o então presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, encaminhou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei Nº 3.891, que dispõe sobre a criação da Unilab.” (UNILAB, 2013, p. 30)

A UNILAB é a primeira universidade criada especialmente para unir a língua portuguesa e integrar o ensino à distância entre os países que englobam a CPLP- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. No dia 25 de maio de 2011 a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB abre as portas, para a alegria, a realização e o mérito de conquista por terem conseguido o que era almejado e desejado por todos.

Redenção mudou, e hoje posso dizer que estamos quase realizados, pois um dos motivos foi a chegada de uma universidade de integração, ou seja, uma oportunidade que a cidade teve para ser mais conhecida. Por meio dessa integração, aos poucos veio chegando à cidade, estudantes de vários países do continente africano e os que tem o

português como língua oficial, Timor Leste, e por meio desse movimento, cada vez mais a população redencionista foi crescendo, surgindo assim diferentes culturas e devagar foi se adaptando com a chegada e os costumes dos novos moradores em intervalo de pouco tempo.

Com o intuito de promover um ensino superior com os países de língua portuguesa mais Timor Leste, havendo uma grande integração social, culturalmente e economicamente a UNILAB se instalou definitivamente na cidade de Redenção em 25 de maio de 2011, localizada no Maciço de Baturité, no Estado do Ceará, na qual a mesma foi a primeira a abolir os escravizados no Brasil em 1883.

Muitos estudantes vieram de seus países de origem para construir um futuro melhor, fazer parte da construção de uma universidade que vai crescendo cada vez mais.

A UNILAB é uma universidade inovadora, uma universidade ótima, é uma universidade que tem um futuro brilhante pela frente. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Angola)

Estudante essa, que faz parte dos poucos angolanos que estão inseridos academicamente na universidade. E a mesma tem um orgulho imenso de fazer parte da construção dessa história, que em breve será concluída e todos que de alguma forma participaram dessa vitória vão se sentirem orgulhosos de estarem incluídos nessa conquista universitária.

Eu, particularmente, nunca pensei e nem acreditei que hoje teria em minha terra, posso dizer assim, uma universidade internacional, mas, realmente existe, e hoje faço parte do grupo acadêmico dessa universidade, e me orgulho demais por estudar nela, minha família também, pois sou a primeira de cinco irmãos que tem a chance de estudar no nível superior, pois se não fosse essa conquista que a nossa cidade nos proporcionou não teria condições financeiras para cursar o ensino superior em outra cidade. Pois é, a UNILAB, é um sonho para qualquer estrangeiro com o objetivo de possuir um diploma universitário. E o que eu acreditava, se tornou nada, pois meus pensamentos me

enganaram. E hoje posso dizer que a cidade de Redenção está vencendo, e já ganhou uma conquista, pois existe nela uma universidade federal.

Com a implantação da UNILAB em Redenção, aconteceu que vários estudantes estrangeiros chegaram, por conta da integração SUL-SUL, ou melhor, a ligação que a universidade tem com outros países do continente africano e Timor Leste, assim, por meio disso, a cidade de Redenção passou a receber estudantes estrangeiros de todos os lugares, e por conta desse aumento populacional a cidade passou a crescer muito, tanto economicamente como estruturalmente. Houve a construção dos alojamentos, de apartamentos, a reconstrução de casas para que houvesse uma hospedagem de qualidade para os estudantes estrangeiros que estavam chegando de seus países de origem para passarem a viver na cidade de Redenção, isso foi um dos pontos positivos, e também é bom ressaltar a construção da Caixa Econômica Federal que antes a cidade não possuía. Ou seja, a cidade está crescendo muito por conta da migração desses estudantes estrangeiros para o Brasil, e esse crescimento vai sendo notado diariamente. E também podemos ver que a população de uma forma geral, esta cada vez mais consciente da adaptação sociocultural desses estudantes, ou seja, a integração é, e sempre será fundamental para o bom convívio social.

No que foi descrito anteriormente, pode-se perceber alguns pontos positivos que foram proporcionados à cidade com a vinda da UNILAB. Mas claro que existem seus pontos negativos; um deles é a questão do aumento dos aluguéis de apartamentos e casas, ou melhor, de todos os imóveis cuja função é proporcionar boa estadia para os estudantes que chegam para se instalarem na cidade. Esse aumento foi avassalador, praticamente cem por cento do valor que era cobrado antes. Independente desse aumento, os estudantes não tinham opções de escolha, e era necessária a estadia deles nesses imóveis com alto valor de aluguel. E outro ponto bem importante de se falar, foi a construção crescente de imóveis, com fins de abrigar os estudantes que estavam chegando e também gerar capital. Com todas essas mudanças, a população precisou se acostumar.

Por conta desse congestionamento de casas e do alto valor do aluguel os estudantes que chegam acabam emigrando para as cidades vizinhas, Acarape, Antônio

Diogo, Aracoiaba e Baturité, por lá possuir casas com um menor valor de aluguel, e também sendo uma forma de haver uma integração de todas as cidades do maciço, mostrando para a população um pouco da cultura, dos costumes, dos hábitos, tornando os mesmos aptos a conviver com identidades diferentes, fazendo com que os mesmos conheçam um pouco da história dos estudantes estrangeiros que chegam as cidades.

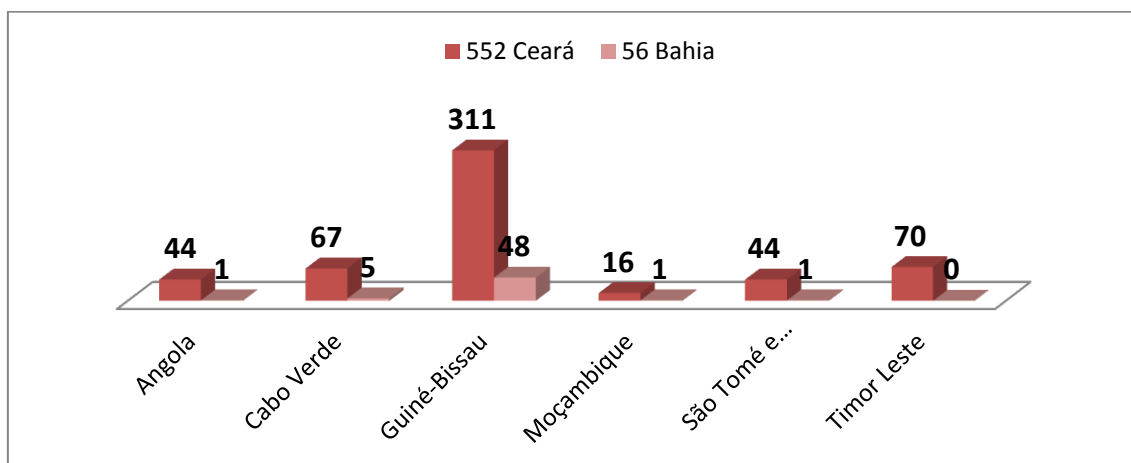
Mas, podemos ressaltar também que a vinda dos estrangeiros para Redenção causou um pouco de espanto para os redencionista, podemos dizer assim. Contudo, eles se sentem um pouco que amedrontados com a presença dos estrangeiros, eles julgam muito antes de conhecerem os novos moradores desse espaço que é a cidade, e por meio disso surge o preconceito que alguns habitantes aderem para com os novos moradores. Nas entrevistas que eu realizei, tirei a conclusão de que cada um tem o seu modo de pensar em relação a todos, somos diferentes, claro, mas cabe a cada um de nós respeitarmos a diferença do outro, e uma fala da entrevista que destaco é a seguinte, ele relata um pouco sobre o que é o preconceito e o que ele acredita que as pessoas acham sobre ele:

Não, nunca. Eu não sei, mais eu acho que não, nunca. Kelly, eu... eu sabe, se alguém estiver feito alguma coisa no sentido de fazer preconceito comigo, pode ser que a pessoa fez, mais no principio não percebi, ate porque eu não sou uma pessoa, primeiro, eu não gosto de ser vitima, segundo, eu não gosto de discurso de vitima, e terceiro, eu não me, não me atinjo fácil, dificilmente, a pessoa dificilmente pode me atingir fácil, e tem uma coisa que eu aprendi na vida, (...) termos certeza sobre nós, e dúvidas sobre nós, eu tenho a certeza dentro de mim que eu sou uma pessoa não fácil de abalar e não, eu não me abalo fácil, eu sou muito forte. (...) Então, se alguém me tratar mal, talvez eu tomo como pessoal, não estou dizendo que não existe preconceito, que existe racismo, longe disso, isso existe. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Guiné-Bissau)

Portanto, podemos interpretar isso da forma mais eficaz possível, posicionando-se em relação a cada opinião sobre preconceito, pois cada um tem um modo de interpretá-lo, mas cabe a cada um evitar o ato, e também respeitarmos os outros, mesmo sendo diferentes. E como disse o entrevistado, “isso existe”. Mas realmente isso pode ser evitado, de que forma? Respeitando a diferença do outro, o costume, a cultura, o falar, o agir, ou seja, respeitar o eu do próximo.

Na cidade, a cada pouco intervalo de tempo que passa, vai chegando novos alunos para se inserirem na universidade e na cidade, e o gráfico a seguir mostra a quantidade de estudantes estrangeiros dos países que tem como língua oficial o português, no início da concretização da UNILAB tanto no Ceará como na Bahia, e podemos perceber o quão diferente é a quantidade desses estudantes em cada cidade:

Gráfico: Estudantes Estrangeiros- Nacionalidade



Mas claro que a cada período do ano, os estrangeiros vão aumentando, e esse gráfico é a última atualização feita em 2014, creio que sim. O que podemos tirar disso é que, com certeza tanto a cidade quanto a UNILAB está proporcionando um bom futuro para todos os estrangeiros que estão chegando, isso reflete no fato de que com um tempo, todos irão aceitar o que o outro tem de diferente.

Hoje, posso dizer que Redenção foi privilegiada com essa conquista, tenho orgulho sim de fazer parte desse sonho que ainda está sendo realizado. E assim, a cidade e os estrangeiros vão se adaptando e aceitando o que a cidade está a lhe oferecer.

2.1 A chegada: o que vou encontrar?

Após um longo período de viagem de seu país de origem para o Brasil, alguns estudantes não se surpreenderam com o que encontraram aqui, alguns continuaram com a mesma visão que antes tinham construído, outros imaginaram que o lugar onde iriam viver era uma capital, uma cidade maior, mas com o passar dos dias, meses e anos, tiveram que se acostumar, ou melhor, tiveram que conviver com o diferente. Muitos se desesperaram, choraram com saudades da família, mas, como cada um tinha um objetivo, se conformaram e aprenderam a ser cada dia mais fortes e suportar o que vier pela frente.

Bem diferente, ah... porque o Brasil que eu via, que eu desenhava é aquele Brasil que eu via na televisão, nas novelas, é, então vim e me deparei com isto, foi um susto pra mim. No dia que eu cheguei eu até chorei porque não sabia que vinha pra um lugar assim, muito, tipo, tem interior e tem cidade, mas eu não sabia exatamente que eu vinha para o interior, pensava que eu vinha mesmo para cidade, mas a minha mãe ficou feliz, por que é um lugar calmo, da muito bem pra estudar. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Moçambique)

O Brasil das novelas... o Brasil todo pintado de ouro... mulheres, praia festa nê. Aquele Brasil do Rio de Janeiro (...). quando cheguei aqui e, eu venho da capital do meu país, a minha capital também é muito agitada, eu vinha do centro da cidade e era muito agitada, e eu tava habituado com aquela vida agitada, então, quando cheguei aqui um dos meus problemas foi esse, cheguei e encontrei uma cidade toda morta, 10 horas da noite já tá tudo fechado. Eu gostava de sair a noite, por exemplo, eu gosto de sair a noite. Então, chego aqui, não tem ninguém pra conversar, só fica em casa, dormir, ficar em casa, dormir. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Moçambique)

Pode-se perceber que as duas afirmações são parecidas, pois ambos defendem aquele Brasil que é mostrado nas novelas, o belo, o perfeito. Mas, quando eles passam a

conhecer o que é o Brasil afinal, eles se assustaram, como disse a estudante. Quando se passa a conhecer a realidade os sentimentos afloram, e foi o caso também da estudante, ela chorou quando viu a realidade, quando passou a ver que o Brasil não é totalmente aquele passado pela mídia. O estudante também foi bem negativo, pois ele achava que esse lugar era como o lugar onde ele vivia, mas não, ele focou mais na agitação, aqui ser um lugar agitado. Podemos tirar disso, que apesar de o que eles achavam sobre o lugar para onde viam, a sua imagem foi mudada, eles passaram a viver com o diferente, e se acostumaram com o que o Brasil tem a oferecê-los.

(...) Aquele que a gente tá vivenciado a ver na televisão, novelas, boas coisas. Ninguém não esperava-se que o Brasil, aquele Brasil é assim, porque é muito diferente. Quando eu cheguei aqui, eu chorei durante um ano. (...) com saudade da família também, e ai, cidade de Redenção apesar que a cidade de Redenção é uma cidade pra estudar, é muito calmo. Mas, a gente vivencia aqui muita dificuldade, muita dificuldade aqui. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Guiné- Bissau)

Não mudou muito, não mudou muito, sabe por quê? Eu sempre, que as pessoas falam disso, eu não falo nada porque, porque eu sou apenas uma exceção. Sabe por quê? Eu me formei muito bem do Brasil antes de vim pra cá, eu sabia o que podia estar me esperando, e eu não me surpreendi muito, como algumas pessoas choraram, como algumas pessoas queriam voltar, como algumas pessoas, é, chegaram aqui e não queriam, assim... fazer amizades com ninguém, eu não, eu sabia que Brasil era o país mais desigual do mundo e que era o país que tinha mais políticas de luta contra desigualdade, eu sabia que tinha uma zona que tinha riquezas que tinha tudo, que era um país com problemas de corrupção como qualquer um, que era um país... é... sei lá, como qualquer um com dificuldades, problemas sociais, questões de segurança. (...) (estudante estrangeiro do sexo masculino de Guiné- Bissau)

Os entrevistados foram bem divergentes em suas respostas. Podemos destacar

que para eles o Brasil é como é. A entrevistada, por sua vez, destacou a questão de achar que a cidade aonde vinha estudar era maior, havia mais facilidade de se desenvolver e de se viver, por conta disso, seu lado emocional se aflorou, e como ela mesma disse, chorou durante um ano, com saudades da família, da sua antiga estrutura de ensino e de sua cidade, mas como ela veio em busca de um sonho, se acostumou e pôde viver em harmonia, mesmo achando que a cidade não é uma das melhores. Já o entrevistado, destacou que antes de vim para o Brasil, já sabia, já havia pesquisado sobre o mesmo, e que já tinha ideia do que iria encontrar nesse novo lugar de estudo. Claro, todos tiveram dificuldade de conviver com o novo, mas ele, não se desesperou, como ele mencionou em sua fala, ele apenas teve a necessidade de se integrar com os outros e assim proporcionar um bom relacionamento entre ambos. E como todos, ele veio estudar e alcançar seus objetivos, então, se acostumou com o que o Brasil e a cidade onde ele estuda oferecem.

Eu sempre pensei que o Brasil fosse aquela coisa das novelas, não pensava que no Brasil poderia ter... uma cidade assim, que não tem muita infraestrutura, não tem muitas lojas, dizem que São Tomé e Príncipe é mais desenvolvido que Redenção. E agora vivendo a realidade vejo que todo país tem a sua parte boa e também tem a sua parte má do país, ele só apresenta aquela parte boa, e estando aqui já é resignar-se nê! (...) O ambiente de Redenção é propício para o estudo mesmo, num tem nada disso de gandaia ou ter coisa para os alunos ficarem tem isso, tem aquilo... é centrado. É escola, casa e assim da pra estudar. (estudante estrangeira do sexo feminino de São Tomé e Príncipe)

Minha imagem... nada diferente, tipo. O Brasil é grande, eu não achava tipo, não vinha na minha cabeça que o Brasil era tão grande assim, então, o Brasil tem vários estados, cada região com suas características. (...) eu nunca esperava que chegaria em Redenção, quando eu ouvir falar de Redenção todos nós fomos pra internet pesquisar, a gente viu que Redenção era interior, sabemos que interior não tem praça, mas a gente é habituado. (estudante estrangeiro do sexo masculino de São Tomé e Príncipe)

Percebemos que ambos possuem respostas divergentes, mas também eles acreditaram que o Brasil era aquele mostrado na televisão, as maravilhas. Mas também viram que poderiam se acostumar. O estudante, antes de vim para um lugar diferente, pesquisou sobre a cidade, viu que era interior, mas mesmo assim não se abalou. A estudante também acreditava que a cidade onde iria estudar era maior, tinha mais estrutura, mas mesmo assim, por achar que a cidade é calma, gostou, pois é bom para os estudos, ou melhor, não atrapalha na concentração. Podemos concluir que ambos os entrevistados, vendo que a cidade não era aquilo que pretendiam encontrar, fizeram apenas aceitar o diferente e conviver com o que a cidade pode oferecer.

(...) eu vi só uma informação sobre o jogo, é... país do futebol (...) (estudante estrangeiro do sexo feminino de Timor Leste)

(...) O Brasil, todo mundo sabe que é o país conhecido pelo futebol nê.(...) Só que eu ouvi falar também uma informação, (...) sobre a situação, lá é bom, mas aí a situação é muito perigosa, situação perigosa em termos roubo, tem drogado, essas coisas aí. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Timor Leste)

Os entrevistados destacaram igualmente que o Brasil é o país do futebol, isso provavelmente seja fato. Mas acredita-se que eles esperavam mais do lugar onde iam morar. Outro ponto importante foi o entrevistado que mencionou que o Brasil tem uma situação perigosa, ou seja, a segurança no país não é cem por cento, no qual a opinião dele é igual ao do estudante estrangeiro do sexo masculino de Guiné-Bissau, em que ele destaca que o Brasil tem um grande problema de segurança. E isso nos mostra, que mesmo os entrevistados serem de países diferentes eles possuem opiniões, muitas das vezes idênticas, em relação ao Brasil.

É a imagem das mídias, normalmente a mídia passa, passa aquilo que vos interessa, aquilo que eles lucram e também aquilo, alguma coisa pra maquiagem nê... a realidade de um determinado local. (...) as mulheres nê, que é a publicidade, samba, carnaval e o Brasil da delinquência, por que isso é uma das coisas que,

pelo menos a minha família receava que eu vinhesse para cá, e era exatamente da delinquência e da violência. Agora acho que aquilo que eu tinha nê... o Brasil das mil maravilhas acabou... não acabou, eu ainda continuo nesse paralelo do Brasil que é um pouco... o Brasil interior... o urbano e o rural. Agora eu tenho essa... se bem que eu já tive, se bem que eu sempre tive mente que nunca um local é assim, perfeito, tem sempre as zonas urbanas, suburbanas, desenvolvida e subdesenvolvida. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Angola)

Minha imagem não foge muito, sendo o Brasil grande, um Brasil, do quinto maior país do mundo, então há disparidades nê, mas eu não conhecia a serra, acho que Fortaleza, eu já ouvi falar poucas vezes, lá... a gente tem tendência de conhecer mais Rio de Janeiro, São Paulo... o sul do Brasil, ah, a parte sudeste também, nordeste não é assim muito falado, mas quando eu cheguei aqui foi meio estranho, mas algo que a gente encara normalmente, sem problemas. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Angola)

Bem, os entrevistados possuem suas opiniões, sejam quais forem elas, o estudante relata da questão do Brasil ser um país que chama atenção pelas mulheres, pelo o que a mídia mostra, claro, a mídia esconde muita coisa sobre o determinado local. A estudante, por sua vez, relata a questão de que o Brasil é o quinto maior país do mundo, ou seja, que independente de qual lugar o Brasil esteja ela vai se adaptar de acordo com suas necessidades, e por isso ela não tem nenhum problema em relação à adaptação, e o que ela achava do Brasil e o que acha agora.

A TV brasileira em Cabo Verde só mostra futebol, prostituição e carnaval... eu achava que o Brasil era o país de “todos”, que não ia sofrer racismo aqui, já que dizem que aqui é o país da diversidade cultural, infelizmente não é bem como eu pensava, as pessoas são preconceituosas e racistas (é claro que tem exceções mais são poucas). (estudante estrangeiro do sexo feminino de Cabo Verde)

A minha imagem do Brasil era bem diferente, mas eu como sou uma pessoa que sempre busco saber bem a realidade de cada país, eu sabia que tem essa

parte do Brasil como muitos confundem que... ah o Brasil é um país que que cem por cento não tem praticamente pobreza. Por exemplo: a novela que passa a realidade do Brasil como um país que praticamente é, tudo é maravilha, mais, praia, sol, mulheres lindas satisfeitas, homem divertindo, assim... e quando tive o primeiro contato aqui foi meio difícil, (...) Redenção, a gente achava aqui bem pequenininho, uma cidade de interior, como é no caso, assim, foi completamente diferente em que eu esperei, mas, dentro dessa, dentro do que eu quero, praticamente cumpriu com os meus objetivos, eu queria estudar mesmo numa cidade calma, eu gostei da cidade, porque com um tempo passei a gostar nê! Por que é uma cidade calma e me permite estudar, me permite realizar academicamente. (...) (estudante estrangeiro do sexo masculino de Cabo Verde)

Nesse sentido, podemos perceber que os estudantes possuem suas opiniões bem parecidas, os dois relatam do Brasil, que o mesmo é identificado pelo que é mostrado na TV, como diz a estudante estrangeira, e também abordam a questão da pobreza, que o que é mostrado nas novelas é a real situação do Brasil, mulheres, futebol, ou melhor, a mídia mostra apenas o necessário. Outro aspecto destacado pela estudante foi o preconceito e o racismo, pois a mesma considerou que isso não acontecia aqui, pelo fato de o Brasil ter uma grande diversidade cultural.

Embora cada estudante conheça suas limitações, limitações essas que os ajudam a se adaptarem, a se reconhecerem nessa nova realidade que ambos estão vivendo, percebendo que os mesmos possuem conceitos sobre determinado assunto, e podemos ver nas afirmações citadas anteriormente, que o Brasil é um país muito diferente, que tem muita diversidade cultural, mas não mostra quem realmente é. A mídia é um grande defensor de mostrar apenas o que a cabe. Muitos dos entrevistados mudaram a sua imagem em relação ao Brasil quando chegaram aqui, mas mesmo com essa mudança repentina eles não desistiram dos objetivos que o fizeram chegar até aqui.

2.2 O processo de adaptação: Como viver em um país diferente?

“A avaliação do grau de integração de uma minoria na sociedade passa, necessariamente, por avaliar a forma como ela é envolvida e se envolve nas várias dinâmicas sociais. Geralmente, o factor tempo de residência tem uma relação muito estreita com a integração ou exclusão. Contudo, o fator tempo não age de forma voluntária sobre as dinâmicas que potenciam a integração/exclusão.” (MENDES, Paulo: 2008, p.60)

Vale dizer que, interpretando a citação, vemos que o tempo é sempre importante para que o estrangeiro se adapte bem em um ambiente desconhecido para ele. Ele pode tanto não ter nenhuma dificuldade como também passar por várias, mas isso vai depender de como será a adaptação de cada estudante estrangeiro que está a vim morar, passar a viver na cidade de Redenção. Então, o mais importante é mostrar o quão adaptado eles estão, mesmo com pouco tempo de estadia. Nas respostas da entrevista feita com os estudantes estrangeiros, vamos ver que ambos possuem diferentes respostas para a determinada pergunta: “Para você, foi difícil se adaptar a uma cidade com culturas diferentes do país de onde você veio? Porque?” e podemos mencionar que.

Ser diferente é complicado, e imagina sair de seu país de origem e passar a viver em outro?, Pergunta essa, que muitas das vezes é difícil de responder, pois engloba muitas coisas para determinadas pessoas.

Mas, como será a adaptação desses estudantes em uma cidade diferente, ou melhor, em um lugar diferente?

Não foi tão difícil assim, mas também não tô bem adaptada, mas, sei lá, na alimentação, é totalmente diferente, é... até no falar que a gente fala...mas eu acho que é mais na alimentação. (estudante estrangeira do sexo feminino de Moçambique)

(...) então, vou ser sincero, eu não tenho muitos conhecidos brasileiros, não sei na essência a cultura brasileira, (...) então... ainda não tô adaptado, acho que nem vou me adaptar a essa cultura. (estudante estrangeiro do sexo masculino da Moçambique)

Percebe-se que ambos não estão totalmente adaptados a cidade, mas, observa-se também que existe uma divergência entre eles, pois cada um tem uma dificuldade de adaptação, primeiro fala da alimentação, e segundo da cultura brasileira que é pouco conhecida. Mas, podemos concluir que, dificuldades todos temos em se adaptar, em conhecer novas coisas, então cabe a cada um de nós sermos heterogêneos em relação a cada cultura, a cada pessoa, a cada nova sociedade construída.

Ah! Não tão fácil viu! Por que aqui todo, quase tem coisas iguais, mas outras, muitas são diferentes. Por exemplo: o clima aqui tem muito sol, muito sol, aqui muito mosquito (...)tipo, no posto de saúde (...) o médico diz “o que tá a passar com você?” eu tô a sentir dor de cabeça... é que vocês ainda não acostumaram com o clima (...) Isso é muito complicado pra gente. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Guiné- Bissau)

Adaptar. Eu acho que pra qualquer pessoa há sempre um obstáculo com aquilo que é novo pela primeira vez, com qualquer pessoa independentemente de cultura ou não, você pode nascer na Guiné, você aqui do Brasil, por exemplo, nasceu em Antônio Diogo, se você mudar de repente e ir morar em Quixadá, não há priori, você vai ter um contato, um obstáculo, puxa, aqui é novo, porque que aqui é novo?. Não me bato com isso, não me identifico com isso, então sempre tem esse obstáculo, então esse foi um problema, então quando eu cheguei também aqui. Pessoas diferentes, tudo mais, era ser humanos, ou seja, tínhamos culturas

diferentes, formas de expressar diferentes, algumas coisas diferentes, mas sempre existe traços universais, porque compreendem como eu, dialogam como eu, então por que que isso não foi um problema (...) por que eu sempre gosto de entender filosofia do modo de viver com outras pessoas, então isso me ajudou muito. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Guiné- Bissau)

Bem, podemos ver que ambos possuem contexto de resposta diferente, a estudante fala mais da adaptação em relação ao contato com a saúde, como ela é tratada em relação ao atendimento posto, e também das questões de adaptação perante o clima da cidade, os pequenos mosquitos que aparecem que a mesma não esta habituada com as aparições. O estudante, por sua vez, relata da questão da adaptação sócio- identitária, podemos dizer, que pra ele, todos nós não somos iguais e precisamos conviver com a diferença, e isso também mostra que tudo o que acontece com ele em uma cidade diferente, pode acontecer com qualquer outro habitante que esteja em um lugar diferente do que costuma estar.

Não. Até que as culturas não são tão diferentes assim da cultura africana. Foi difícil não, foi bem fácil. (estudante estrangeiro do sexo feminino de São Tomé e Príncipe)

Difícil não, acho que não, não... só a comida... muitas coisas não, e também a muriçoca. (estudante estrangeiro do sexo masculino de São Tomé e Príncipe)

Podemos dizer que os dois são divergentes, a estudante fala da questão da cultura Brasil e África terem algo em comum, que se parecem, já o estudante fala da questão da adaptação social, os efeitos colaterais do clima diferente e do lugar onde o mesmo vive.

É foi difícil mesmo, nê, por que assim... a situação aqui, aqui é muito quente, muito quente, lá no nosso país não,

não era muito assim não, mas ai tive que me adaptar com a comida. Aqui todos os dias as pessoas comem feijão né?!, lá não, a gente come feijão uma semana uma vez. Mas aqui, todos os dias aqui encontra-se. Cozinha-se arroz e bota óleo, bota azeite, bota qualquer coisa assim, lá não, porque assim, é difícil adaptar as comidas aqui, também as culturas também. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Timor Leste)

Não, na verdade, eu não gosto muito ne, (...) antes de chegarmos aqui, já tínhamos informação (...) sobre essa cidade. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Timor Leste)

Acredita-se que o casal visou mais a questão da adaptação climática, ou melhor, a estudante relata sobre o tempo, que é quente e tal, e também sobre a comida, em que a mesma menciona a questão de se comer feijão todos os dias, em que se difere de seu país, pois lá, não é diariamente que eles se alimentam de feijão, já o estudante não gosta, pois ele acredita que provavelmente possa melhorar a estadia na cidade. Mas, penso que isso pode ser mudado, isso acontece de acordo com o pensamento e a opinião de melhora de cada um dos estudantes.

Minha adaptação acho que foi super rápida, sem.. sem dificuldade. Foi fácil porque eu sempre fui muito de andar. (...) o povo de Redenção pra mim é essa triangulação, eu vou aqui, eu vou pra lá, seria um povo diferente ne... vim e me adaptei. Sem problema. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Angola)

Eu não digo que nem fácil nem difícil, primeiro lugar tava distante da minha casa isso é difícil, (...) é uma cidade nova, é uma cidade pequena. Eu cresci numa capital, e aqui é um interior ne, é tudo muito calmo, as vezes muito estranho é...

tem uma vista diferente, foi meio complicado sim, eu não digo que estou cem por cento adaptada, estou me adaptando ainda. (estudante estrangeira do sexo feminino de Angola)

Tiveram uma resposta bem parecida, a estudante foca na família, sente falta, e também na questão da cidade ser um lugar diferente, e claro, é diferente, vir de uma capital para o interior é muito complexo, é muito difícil de se acostumar, mas mesmo perante isso, a estudante está se adaptando aos poucos, com dificuldades, mas está indo bem. Já o estudante não se sentiu tão ameaçado com o diferente, no qual, o mesmo foca na questão de ele ter facilidade de se integrar com as pessoas que ainda não conhece, ou seja, tem facilidade de conviver com o novo e fazer novas amizades. E isso nos faz pensar que independente de problemas e dificuldades, os estrangeiros se esforçam para que os mesmos se adaptem de forma coerente, sem se prejudicarem e também sem afetar o próximo.

Bom, no entanto muito diferente assim não, quando eu cheguei não encontrei muitas diferenças, eu pensei que ia estudar na cidade grande em primeiro lugar, uma cidade bem enorme, uma das capitais do Brasil, mas só que eu fiquei aqui e consegui me adaptar. Tô vivendo aqui e basicamente Redenção passou a fazer parte de minha vida. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Cabo Verde)

Não foi difícil porque Cabo Verde é um país que tem mais pessoas vivendo fora de Cabo Verde do que no próprio país, por exemplo tem mais cabo verdianos vivendo em Roterdam – Holanda do que em Cabo Verde, então é característico do povo cabo-verdiano se adaptar facilmente as diferentes culturas, pelo histórico de contato com pessoas de diversos países. Como eu disse acima a única coisa que me chocou é a falta de conhecimento que as pessoas têm sobre o continente africano e o racismo tão presente nessa cidade. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Cabo Verde)

Podemos perceber que ambos tiveram suas respostas bem diferentes, um focou mais na questão da estrutura da cidade, pensou em um lugar maior, mais amplo, mas mesmo com esse fato, ele se adaptou ao modo de vida que é vivido na cidade. Já o segundo, nos mostrou um pouco da falta de conhecimento que os habitantes da cidade tem sobre o continente africano e a forma como eles os tratam. E isso nos faz pensar que a cidade precisa conhecer mais os estrangeiros que estão vindo, e a cada ano que passa mais chegam estrangeiros novos, e cabe também a cidade proporcionar conforto para eles.

Se adaptar a qualquer lugar que não seja o seu de origem é difícil, encontram-se dificuldades, obstáculos, mas isso é normal pra quem quer realizar seus sonhos e buscar seus tão almeçados objetivos. Esses estudantes estrangeiros que vem de seus países, nos mostram que é possível viver longe de sua real cultura, e que podemos nos adaptar a determinadas questões. Claro que existe a saudade da família, as dificuldades, mas isso é só uma questão de costume, ou seja, aprender a conviver com o diferente e se tornar um diferente a meio a tantas pessoas que tem culturas divergentes das nossas. Esses estudantes buscam adaptar-se, pois vieram pra um lugar que era desconhecido pra eles, mas agora não é mais.

Ressalto um ponto bem importante que um dos estrangeiros entrevistados citou em sua resposta à entrevista, o fato de os cabo-verdianos não terem nenhuma dificuldade de se adaptarem a lugares diferentes, ou seja, eles mantem as suas identidades, independente de onde estejam. E assim, por meio dessa observação veio ressaltar que “os cabo-verdianos tem uma tradição e uma história migratória que os une a Portugal” (GÓIS, p.12), bem como, Portugal foi escolhido para que os imigrantes pudessem construir uma família e assim poderem ajudar na construção de Portugal, antes essa migração era desconhecida por todos, até que foi consolidada a liberdade dos direitos humanos. Porém,

“(…) em Portugal, muitos dos cabo-verdianos (re)adquiriram a nacionalidade portuguesa ou nunca a perderam, e muitos dos cabo-verdianos emigrantes em países terceiros mantiveram a nacionalidade portuguesa e surgem nas estatísticas da época desses países como

portugueses. Entretanto, muitos desses cabo-verdianos naturalizaram-se nos países de acolhimento e, curiosamente, muitos deles nunca detiveram formalmente a nacionalidade cabo-verdiana embora, de acordo com as leis de Cabo Verde, possam aceder a ela quando e se o desejarem. (GÓIS, 2008, p.16)”

“Os cabo-verdianos em Portugal (tal como noutros destinos) têm a sua identidade organizada em torno de representações sociais de ‘raça’, etnicidade, educação e classe, que combinadas definem a sua posição social dentro da sociedade portuguesa e, nas suas próprias comunidades locais, entre eles mesmos.”(BATALHA, Luís: 2008, p.25)

Podemos perceber nessas citações uma característica em comum, que ambas se posicionam sobre a questão da identidade dos cabo-verdianos, no qual nunca perderam o significado para eles, pois ela é essencial para sua integração na sociedade, que muitas vezes elas são percebidas e outras não são, podendo dizer que ela é idealizada na hora certa, valorizada sempre, independente de qual lugar os cabo-verdianos estão a viver. E outra característica encontrada, é que os mesmos se adaptam de forma coerente em uma sociedade diferente, eles buscam interagir com o meio, pois eles precisam conhecer, de fato, o lugar onde vão viver. Portanto, podemos concluir que os cabo-verdianos prezam muito as suas raízes, e sempre encontram uma forma para nunca esquecerem seus antepassados e assim continuarem com a valorização da cultura africana.

Por meio desses acontecimentos, podemos ter um foco mais aprofundado no papel que a UNILAB proporciona em relação à rápida adaptação dos estrangeiros na cidade, e assim, cita-se o SAMBA- Seminário de Ambientação Acadêmica, que tem como objetivo “acolher e integrar os novos estudantes da Unilab ao ambiente universitário, com socialização de informações acadêmicas e atividades interculturais”¹, e também o TIAC- Trimestre da Integração Acadêmico Cultural, que tem como objetivo

¹ Site da UNILAB

“possibilitam aos estudantes vivenciar a interdisciplinariedade, a arte e a diversidade cultural, além de promover a articulação de ensino, pesquisa e extensão”², o mesmo está dividido em dois eixos: o eixo acadêmico, que proporciona “a oferta de disciplinas obrigatórias com elevado índice de reprovação; cursos livres, que pode contar com a participação de estudantes de diferentes institutos; e, por fim, atividades pontuais, a partir de palestras, oficinas e seminários com especialistas e professores convidados”³, e também o eixo cultural, que é chamado de “Movimenta Unilab”, que “é um conjunto de atividades que revela, fomenta e expande a arte e a cultura na Unilab e na região do Maciço de Baturité, articulando estas atividades com universidades, artistas de outros estados e de diferentes países”⁴.

Esses dois projetos criados pela instituição são bem importantes para a vivência da integração dos estudantes estrangeiros, que vão chegando a cada período de tempo, e isso é bom, por que eles passam a se conhecer, tanto a si mesmos como os outros, e é a partir desses programas de desenvolvimento pessoal que eles vão construindo amizades, e formando seus primeiros amigos, e assim promovendo um bom relacionamento pessoal, servindo tanto para os estudantes veteranos como para os calouros, promovendo um bom relacionamento entre ambos, também podemos ressaltar alguns pontos que os programas oferecem, primeiro, eles dão a chance dos alunos refazerem algumas disciplinas que não foram bem, como também, participar de algumas atividades, como palestras, roda de conversa e etc., segundo, proporcionam a integração dos alunos com os outros, e por último, estimula o aluno a conhecer a si mesmo, como a estrutura da universidade, ou seja, ambos os projetos dialogam com o objetivo de levar para os estudantes uma boa estadia universitária.

² Site da UNILAB

³ Site da UNILAB

⁴ Site da UNILAB

CAPITULO III: EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

Quando estamos longe de casa sempre pensamos como vai ser nossa vida daquele momento pra frente, sempre pensamos no que vai acontecer, fazemos planos, mas nem sempre se sabe se tudo o que foi pensado e planejado irá acontecer. Mas, sempre existe a esperança de tudo acontecer da forma que pensamos. No momento da entrevista realizada por mim com os estrangeiros, foi feita a seguinte pergunta: “ Você pensa em construir uma família aqui no Brasil? Por que?”; e isso causou muito espanto para alguns dos entrevistados, mas, mesmo surpresos todos responderam com muita convicção. E as respostas dos entrevistados foram as seguintes:

Não, só vim pra estudar. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Moçambique)

Não, bem, eu não posso, tipo... o futuro só a Deus pertence, mas, aquilo que eu quero, não... eu vim pra estudar. Futuro a Deus pertence, mas eu vim agora só mesmo pra estudar e, (...) se eu for a criar uma família aqui, eu vou levá-la pra Moçambique. É inevitável. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Moçambique)

Não. É. Cumprir com uma promessa da família. Por que eu sou a primeira filha da família a entrar em universidade, eu não posso sair e volto com filho não. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Guiné-Bissau)

Não, isso não passa no meu programa agora, isso é uma coisa que nunca pensei ainda, nem pensei como vou fazer, com quem vou fazer. Se chegar um momento pra acontecer, pra fazer, independentemente do lugar de onde estou ou vou estar, é... vai ser. Eu não defini padrão, padrão de quem vai ser. Neh, como é que ela vai ser, não defini. Eu acho que momentos de circunstancias influênciam

muito nas nossas decisões. Neh! Então, se a partir do momento que eu for começar a pensar nisso, por acaso do destino, eu estou ainda no Brasil, não tem problema ser com uma brasileira. Não tem. Agora, se for também pra ser na Guiné, não tem problema, Cabo Verde, Estados Unidos, onde for, não tem problema. Pra mim, basta ser uma companheira, não tem problema fazer família em qualquer lugar e independentemente de nacionalidade e religião, desde que não seja uma pessoa complicada. Mas ainda não tá no meu programa.” (estudante estrangeiro do sexo masculino do Guiné- Bissau)

Analisando as respostas das duas duplas, tanto de Moçambique como de Guiné-Bissau, podemos perceber que as respostas são divergentes, eles pensam de formas diferentes, o primeiro diz apenas que veio pra estudar, não pensa nisso agora, em seguida, o estudante mostra que o futuro é incerto e se caso aconteça dele construir uma família ele vai levá-la para seu país de origem. Já a estudante de Guiné- Bissau, diz apenas que precisa voltar, por ser a primeira da família a entrar em uma faculdade, precisa cumprir a promessa e voltar sem filhos, sem família, o estudante já diz que não tem problema nenhum em construir família no Brasil ou em qualquer outro lugar, mas, no momento não pensa nisso. Então, podemos concluir que família aqui para esses estrangeiros ainda não é certo, e eles saberão o momento certo de construí-la, e isso também nos mostra o quão importante é para eles o seu país de origem, suas culturas, suas origens, o quão eles se importam que em breve vão voltar orgulhosos de tudo que fizeram para se tornarem importante para seu país, e assim poder plantar e colher frutos de todo o esforço.

Não. Penso em terminar a licenciatura e voltar para São Tomé. (estudante estrangeiro do sexo feminino de São Tomé e Príncipe)

Não, pra mim o futuro é incerto. O importante é meu objetivo, estudar. (estudante estrangeiro do sexo masculino de São Tomé e Príncipe)

Não, porque assim, quando eu tô aqui a esperança, é uma esperança da minha família, do meu país também, então, eu não posso fazer assim, um tipo de família aqui no Brasil. Eu tenho que voltar pra meu país que tenho família lá. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Timor Leste)

Não, não eu, porque é difícil nê, estudar pra construir uma família, acho que não, porque também o nosso contrato com o nosso governo, você tem que estudar e voltar, não pode assim, construir uma família, ou ter uma relação, ou ficar aqui no Brasil, não... tem que voltar depois que terminar o curso. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Timor Leste)

Bem, podemos interpretar que as respostas dos entrevistados seguintes tem uma semelhança, ambos vieram para estudar apenas, cumprir um objetivo, que a família que eles deixaram no seu país de origem é muito importante e precisam voltar pra perto dela. O principal objetivo desses estudantes é estudar, vieram para o Brasil apenas pra estudar, cumprir o objetivo tanto almejado. Bem como disse o estudante estrangeiro de São Tomé e Príncipe, “o futuro é incerto.” E isso nos mostra o quão importante é a família que se encontra longe.

Sim e não, sim e não. Sim e não porque eu sempre pensei em construir família em Angola. É... Brasil nem tanto... mas quem sabe neh... o futuro só a Deus pertence. Não sei. (estudante estrangeiro do sexo masculino de Angola)

Não. Vim pra estudar, meu país precisa de mim. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Angola)

Não, porque eu tenho uma ligação bem profunda com meu país. Primeiro lugar, meus familiares são todos de lá, eu gosto de ficar perto do que é meu e no

entanto eu assim... eu quero viver minha vida profissional academicamente mesmo em Cabo, profissional mesmo em Cabo Verde, acadêmico tô vivendo aqui. Mas, isso eu não vou garantir, é uma coisa que, o amor você... (estudante estrangeiro do sexo masculino de Cabo Verde)

Eu não penso em construir família nem aqui nem em lugar nenhum, ter filhos e casar não faz parte dos meus planos. (estudante estrangeiro do sexo feminino de Cabo Verde)

Certamente, percebemos que no decorrer das respostas vemos que são divergentes e que ambos têm suas conclusões de não quererem construir família no Brasil, um primeiro elemento é o fato de eles terem um grande vínculo com o seu país e isso os impede de construir uma família aqui, um outro elemento, seria apenas que eles vieram pra cá para estudar e ter assim uma carreira acadêmica, e finalmente conclui-se que pretendem construir seus vínculos familiares em seus países de origem.

Analisando as entrevistas, podemos entrelaçar juntamente com os pensamentos de Dulce Mungoi, no que ela diz: “ (...) a obtenção de um diploma é colocado como sendo o principal motivo da sua estada no Brasil.”(MUNGOI, 2006, p. 153) ou seja, percebe-se que existe uma concordância, pois os entrevistados tem em foco isso, um diploma de nível superior e não construir família no Brasil. Porém, existe outra questão, que os mesmos buscam aqui concluir o nível superior, voltar para o seu país e ter prestígio profissional para que os pais sintam-se orgulhos deles, da mesma forma também para ajudar no desenvolvimento do seu país, entretanto, Mungoi diz:

“As razões para este regresso tão esperado são várias e podem ser divididas em três grupos. O primeiro tipo de justificativa está relacionado à busca de prestígio e ascensão social e maiores oportunidades de inserção no mercado de trabalho. O segundo é motivado por questões de ordem familiar, como necessidades econômicas da família e formação de lar (casamento, filhos). O

terceiro grupo está relacionado com questões de ordem moral (desenvolvimento do país e retorno do investimento).” (MUNGOI, 2006, p.153)

E assim, podemos ver e perceber que os estudantes estrangeiros sempre pensam em voltar, rever a família, voltar a morar em seu país, para assim como diz a estudante estrangeira do sexo feminino de Angola “Vim pra estudar, meu país precisa de mim”; e tiramos disso que a mesma pretende fazer parte do desenvolvimento do seu país com todo o aprendizado adquirido no Brasil, pois, terá a chance de mudar ou manter o que já se tem, só que melhorando cada vez mais o país.

Portanto, podemos concluir que, os estrangeiros entrevistados não pretendem até o momento ter vínculo familiar no Brasil, e isso é importante, pois significa que seu país, suas culturas, suas origens estão sempre em primeiro lugar, mas sempre eles põem uma indagação, de acordo com o que penso, de que tudo o que eles dizem, podem mudar, não tem certeza, e por um acaso podem sim construir família no Brasil. Em que o todo se resume nisto “Terminar os estudos, obter o diploma e voltar para o país parece ser o principal objetivo destes estudantes.” (MUNGOI, 2006, p. 153), “após o término dos estudos, quase todos manifestam o interesse de regressar para contribuir para o progresso de seus países”(SUBUHANA, 2005, p. 18), ou seja, os estudantes que se encontram em Redenção pretendem fazer isso, ou melhor, apenas estudar, mais muitos apenas dizem “que o futuro a Deus pertence.”.

“Ao se refletir sobre o regresso dos estudantes, ficou evidente que se as saudades da terra natal fazem com que o regresso seja um dos momentos mais esperados pela maioria dos estudantes entrevistados, o mesmo também pode se revelar como um dos momentos mais dramáticos, pelo fato de ser marcado por inseguranças e incertezas.” (MUNGOI, 2006, p. 155)

Ou seja, podemos interpretar que muitas das vezes pode ser que o estudante seja sortudo, podemos dizer assim, em encontrar um bom emprego na sua volta ao seu país, ou, também pode surgir a incerteza de que ele poderá ser bem realizado ou não. Dessa forma, mesmo com pequenas incertezas a vontade de voltar para casa não sai de suas cabeças. Primeiramente, terminar os estudos, e quando voltar ter um conhecimento profissional bem sucedido, muitos pensam assim.

Por fim, concluímos que haverá sempre o retorno dos estrangeiros para casa, no objetivo de conseguir o que tanto almejam em seus países. Vencer limites, idealizar sonhos, conquistar o que querem, mostra quem realmente são e serem reconhecidos, colocando em prática todos os conhecimentos e experiências adquiridos no Brasil, o lugar onde cursaram o ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do que foi analisado neste trabalho de conclusão de curso, cabe a mim finalmente, fazer algumas considerações que no decorrer da pesquisa foram importantes, fazendo uma boa reflexão da mesma. Por conseguinte, observo que minha pesquisa foi bastante interessante, longa, posso dizer assim, mas mesmo assim, tive bons resultados na conclusão da mesma.

As entrevistas analisadas permitiram mostrar que os estudantes estrangeiros tiveram dificuldades ao se inserirem culturalmente na cidade, ou seja, podemos apresentar pontos que fez com que, mesmo com as dificuldades, conseguiram se adaptar. Pontos esses bem essenciais para entendê-los. Primeiramente, o fato de eu conhecer alguns dos estudantes que entrevistei, pois, algumas vezes me sentia meio que reservada, por que achava que eles não iam gostar do que seria perguntado, mas antes de tudo começava explicava-os o que iria ocorrer. Isso foi um dos fatores bem marcantes na realização da mesma, pois com a ajuda dos entrevistados pude conhecer um pouco deles e também sobre sua história de vida. Um segundo fator, foi a questão da identidade, o que seria identidade para eles? Séria, origem, ser pessoal, reconhecimento, a forma que eles se veem na sociedade, identificação e aquilo que me define. Eles estão certos, por que todos esses adjetivos mencionados a palavra identidade é válido, por que cada pessoa a define como quer, por que até hoje, não se definiu totalmente o que seria identidade em um significado mundial. Mas, o que seria identidade pra você?.

Outro ponto bem importante, sem dúvidas, foi a curiosidade de saber como esses estudantes chegaram, como eles vieram a cidade, como foi a reação deles, o processo de adaptação. Buscar informações sobre essa integração sociocultural é importante, por que a partir dessa descoberta vai-se conhecendo os novos moradores da cidade de Redenção. Por fim, procuramos sempre pensar no futuro, o que irá acontecer a partir do momento que se coloca os pés em outra cidade?, em outro país que não seja o seu de origem?, vem na cabeça várias coisas, o pensar de como será a construção dessa nova vida que os estrangeiros passarão a viver, como será?. Nós sempre pensamos nisso tudo, mas será que eles planejam o futuro?, De acordo com minha entrevista com os estudantes

estrangeiros, pude perceber e concluir que a maioria deles não planeja o futuro, dizem que “o futuro é incerto”, “o futuro só a Deus pertence” e várias outras expressões que comprovam que eles dificilmente planejam o futuro, eles pensam um pouco sobre como vai ser, mas deixam que as coisas simplesmente aconteçam; mas de uma coisa se tem certeza, eles sentem saudades de casa, e querem voltar para seu país de origem e rever a família para amenizar um pouco da saudade que sentem deles.

E outro ponto bem importante que precisa ser expresso foi, sem dúvidas, inesperado pela maioria, foi a inclusão de uma universidade federal em Redenção, que com certeza era uma conquista que poucos acreditavam que ia ser realizada, eu, particularmente não acreditada, mas hoje, futuro, está aí a universidade, e crescendo cada vez mais, e posso dizer, sem nenhum medo que tenho muito orgulho de fazer parte dessa construção e de ser uma das discentes dessa universidade.

Cabe destacar que tive um bom resultado em minhas entrevistas e posso salientar que tive todos os objetivos alcançados, assim, conhecendo pessoas diferentes da minha realidade, construindo novas amizades e tirando como aprendizado todas as palavras ditas no ato da entrevista, porque me fez crescer com conhecimento e também passei a ver as pessoas com outro olhar, ou seja, somos todos iguais, mas diferentes em meio à diversidade que é nosso Brasil, no qual está se tornando a cidade de Redenção.

Para finalizar, acredito que podemos a cada dia mostrar aos estudantes, que nós brasileiros, residentes da cidade de Redenção estamos sempre aptos a conhecê-los, a buscar mais conhecimento sobre o continente africano, tornando-nos aptos a conviver perante a qualquer diferença que se possa existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Luís; *Cabo-verdianos em Portugal: “comunidade” e identidade*. Org. GÓIS, Pedro 1ªed. Lisboa, 2008; Cap.1, p. 25- 35.

GÓIS, Pedro. **Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana**. Org. GÓIS, Pedro; In:___ *Introdução*. 1ªed. Lisboa, 2008; p. 09- 23.

GRASSI, Marzia; *Identidades Plurais na Europa Contemporânea: auto-percepções e representações nos jovens de origem africana em Portuga*. Org. GÓIS, Pedro, 1ªed. Lisboa, 2008; Cap.8, p. 155-173.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Tradução: SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. In:___ cap.1: *A Identidade em Questão*; Cap.4: *Globalização*; Cap. 5: *O Global, O Local e o Retorno da Etnia*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A: 2011.

MENDES, Paulo; *A comunidade cabo-verdiana nos açores*. Org. GÓIS, Pedro, 1ªed. Lisboa, 2008; Cap.2, p. 37-65.

MUNGOI, Dulce. **“O MITO ATLÂNTICO”:** relatando experiências singulares de mobilidades dos estudantes africanos em porto alegre no jogo de construção e reconstrução de suas identidades étnicas. 2006. 170F.. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006

SUBUHANA, Carlos. In:___; **O Estudante Convênio: a experiência sócio- cultural de universitários da África Lusófona em São Paulo, Brasil**. Encontrado em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2003/carlos%20subuhana.pdf; acessado dia 24 de Fevereiro de 2015 as 9h40min.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, **Trimestre da Integração.** Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/noticias/2014/11/17/trimestre-da-integracao-e-o-mometo-para-vivenciar-a-interdisciplinariedade-e-a-diversidade-cultural/>; Acesso em: 04 de Março de 2015.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, **Seminário Samba.** Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/noticias/2015/02/11/seminario-samba-acolhe-novos-estudantes-nos-campi-da-liberdade-e-males-a-partir-do-dia-23/>; Acesso em: 04 de Março de 2015.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. **UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul.** In. _____ ; org. Camila Gomes Diógenes; José Reginaldo Aguiar. Redenção: UNILAB, 2003. 120p

ENEXO

PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

Bloco I: Perguntas Pessoais

1. Qual o seu nome, idade e país de origem?
2. Qual é o seu curso aqui na Unilab?
3. Há quanto tempo você está aqui?
4. Em qual cidade você mora?

Bloco II: Trajetória

1. Fale um pouco sobre sua trajetória de vida?
2. Porque você escolheu o Brasil para estudar e adquirir um diploma universitário?
3. Como era a sua imagem em relação ao Brasil? E como está sendo agora?

Bloco III: Identidade

1. Sua família teve participação na escolha do curso, ou foi uma escolha só sua?
2. Para você o que é identidade?
3. O que você acha que identifica um africano?

Bloco IV: Adaptação

1. Para você, foi difícil se adaptar a uma cidade com culturas diferentes do país de onde você veio?
2. Como foi sua chegada a cidade? Foi difícil você encontrar um lugar para se instalar?
3. Como foi fazer novas amizades com pessoas de diferentes culturas?
4. Como esta sendo conviver com os brasileiros?
5. Você pensa em construir uma família no Brasil? Por quê?
6. Como é para você a comunicação linguística?
7. Você já passou por algum tipo de discriminação na cidade de Redenção, ou em algum outro local?
8. Como está sendo sua adaptação na universidade?